

## **CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UESB**

*Benedito Eugênio\**

*Marisonia Freire Correia\*\**

*Zeneide Paiva Pereira Vieira\*\*\**

**RESUMO:** O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo foi analisar o sentido assumido pelas práticas de alfabetização e letramento de docentes formadas em Pedagogia pela UESB. Aqui tratamos especificamente da análise de como o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, por meio do currículo escrito e praticado, tem preparado seus alunos para serem alfabetizadores. Para isso, analisamos o projeto de criação do curso e trazemos trechos de entrevistas realizadas com três pedagogas, professoras alfabetizadoras, formadas pelo primeiro currículo do curso. As conclusões assinalam para a necessidade do currículo de formação dos alfabetizadores incorporar outras perspectivas de relação com a escrita por meio da mediação entre teoria e prática configurada no trabalho educativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Currículo; alfabetização; formação de professores.

### **Introdução**

A formação do professor tem sido questionada de forma contínua e às vezes contundente, principalmente em virtude dos dados de desempenho de nossos discentes em exames nacionais. Em texto que analisa a constituição do campo da formação docente no

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto da Universidade estadual dos Sudoeste da Bahia (Uesb).

\*\* Professora na Rede Municipal de Educação de Vitória da Conquista.

\*\*\* Doutoranda em Linguagem e Sociedade pela Uesb. Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora Assistente da Uesb.

Brasil, André (2010) aponta para o crescente número de pesquisas sobre o tema, assim como de objetos de investigação. Para a autora, a partir dos anos 2000, identidade e profissionalização docente passaram a ser as temáticas com maior número de estudos. Além disso, ampliou-se consideravelmente a quantidade de estudos que procuram conhecer o cotidiano do fazer docente, suas crenças, saberes, práticas.

Quando se adentra os cursos de formação no ensino superior, parece que muitos dos resultados apontados nas pesquisas não ressoam no fazer cotidiano das instituições, particularmente em seus currículos. Gatti (2009, p. 258) afirma que estes “são feitos em grande parte a base de apostilas, resumos e cópias de trechos ou capítulos de livros, ficando evidente certo grau de precariedade nos conhecimentos oferecidos”.

Nesse sentido, “uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação é necessária” (GATTI, 2009, p. 257). Só assim, segundo esta pesquisadora, será possível pensar em uma formação mais adequada, pois a preparação de docentes em nível superior está acontecendo de maneira precária. Os currículos dos cursos de formação ficam a desejar, uma vez que não se voltam para as questões da prática profissional, dos fundamentos teórico- metodológicos, das concepções pedagógicas e das diversas maneiras de trabalhar em sala de aula. A relação teoria e prática exercitada de forma dialética é quase inexistente.

Quando se fala em formação do professor alfabetizador, então, a temática se reveste de maiores dificuldades ainda. Os alarmantes dados da alfabetização de crianças no Brasil, demonstrado por meio das avaliações nacionais como a Prova Brasil, aponta para um descompasso entre o currículo de formação no ensino superior e a sala de aula na educação básica, levando o Ministério da Educação, nos últimos anos, à criação de programas como TV Escola, PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), Parâmetros em Ação, PRO-LETRAMENTO, PNAIC, com o intuito de formar os docentes que trabalham com essa etapa da escolarização das crianças. É importante registrar também ações desenvolvidas por universidades, tais como o CEALE/UFMG (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita) e o CEEL/UFPE (Centro de Estudos em Educa-

ção e Linguagens) e que repercutem também nas propostas governamentais acima citadas. Em muitos casos, docentes dessas universidades atuam como consultores dessas políticas.

A formação dos alfabetizadores na universidade demanda mudanças no currículo de Pedagogia. Discussões como a implicação da adoção das chamadas pedagogias do “aprender a aprender” nas práticas pedagógicas e nos processo de ensino precisam se fazer presentes. Além disso, a alfabetização não pode se restringir ao conhecimento dos métodos. Ela é também um a questão política e, por isso, o acesso ao conhecimento sistematizado socialmente como forma de emancipação humana precisa ser analisada nos cursos de formação.

Pesquisa-ação realizada por Leite (2014, p. 137) junto a um grupo de 20 docentes em formação continuada, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), aponta que os mesmos erros cometidos pelos alunos também estão presentes na escrita dos professores. Para a autora “[...] nos trabalhos escritos e ao longo das visitas às escolas, foi possível presenciar situações em que ficou claramente evidenciada a falta de domínio, por esses professores, de habilidades e conhecimentos que teriam que ensinar a seus estudantes do ensino fundamental”.

Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar o sentido que as práticas alfabetização e letramento de docentes formadas em Pedagogia pela UESB assumem.. Aqui tratamos especificamente da análise de como o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, por meio do currículo escrito e praticado, tem preparado seus alunos para serem alfabetizadores. Para isso, analisamos o projeto de criação do curso e trazemos trechos de entrevistas realizadas com três pedagogas, professoras alfabetizadoras, formadas pelo primeiro currículo do curso. Levantamos aspectos do antigo e do novo fluxograma, buscando responder questões do tipo: Como o curso de Pedagogia da UESB tem preparado seus alunos para serem alfabetizadores?

### Situando o *locus* da investigação

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, fundada em 27 de Maio de 1980, é localizada na região Sudoeste do Estado da Bahia e conta com três campi: um no município de Vitória da Conquista (sua sede), um em Jequié e outro em Itapetinga.

Atualmente a UESB compreende 47 (quarenta e sete) cursos de graduação, nas áreas das Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências Agrárias, Ciências da Saúde, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Letras e Artes. Conta também com 17 programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Dentre os cursos de graduação oferecidos pela universidade supracitada, tem-se o de licenciatura plena em Pedagogia, criado no ano de 1997, período de expansão da graduação na universidade e oferecido em seus três campi. Nos primeiros anos de funcionamento, o currículo era o mesmo para os três campi, situação posteriormente modificada. Segundo consta no projeto de criação, o curso objetiva formar profissionais da educação habilitados para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental; nas áreas de educação pré-escolar, educação inclusiva, educação do campo, educação de jovens e adultos; professor das matérias pedagógicas e pedagogo (especialista em supervisão, gestão escolar e orientação educacional).

Sob esse prisma, o Projeto do Curso de Pedagogia (1997, p. 10) afirma que:

os profissionais formados pelo curso deverão ter o domínio dos conteúdos básicos, fundamentos da educação e das metodologias de sua transmissão, mas deverão, também, ser capazes de chegar a uma profunda compreensão da escola enquanto realidade concreta e inserida no contexto histórico-social (inclusive dos mecanismos de discriminação e dominação aí atuantes), e, ainda, ser capazes de recriar, a cada momento em sua área de atuação, a escola que temos, produzindo-a como uma coisa verdadeiramente pública e, portanto, como realmente democrática.

Assim, o currículo do curso de Pedagogia visa a desenvolver no aluno “a compreensão teórico-prática do trabalho docente realizado pela escola a partir de uma formação que permita uma análise crítica da realidade”.

## **Currículo e formação de alfabetizadores no curso de Pedagogia**

Neste item do texto apresentamos os dados construídos por meio da análise do projeto do curso de Pedagogia, assim como das entrevistas com as docentes alfabetizadas. Conforme aponta Saviani (1976, p. 21), todo curso de Pedagogia deve:

Desenvolver nos alunos uma aguda consciência da realidade em que vão atuar; proporcionar-lhes uma adequada formação teórica que lhes permita uma ação coerente; proporcionar-lhes uma satisfatória instrumentação técnica que lhes possibilite uma ação eficaz.

O curso de Pedagogia da UESB, desde sua criação, sofreu mudanças significativas no currículo. A título de exemplificação, no primeiro momento as mudanças foram pontuais, atendo-se principalmente às exigências trazidas pelas Resoluções CNE 01 e 02/2002. Assim, a carga horária do estágio é ampliada; é acrescida a disciplina Práxis na educação infantil; gestão educacional passa a ser uma habilitação (apostilada no diploma) cursada por mais dois semestres após a conclusão do curso.

Em 2004 é instituída uma comissão responsável pela elaboração do projeto de reforma curricular. Vários docentes compuseram-na, seminários foram organizados para discutir a temática e depois de muitas reviravoltas e descontentamentos, o novo projeto curricular do curso foi aprovado em 2011, prometendo uma melhora na qualidade da formação do estudante, principalmente na área da alfabetização<sup>1</sup>.

O currículo é uma produção cultural, portanto, histórica e socialmente construído. Nele estão presentes as relações de poder e o jogo de forças/interesses sobre o que conta como conhecimento. Os grupos que detém o poder de selecionar as disciplinas e formular as ementas, no caso de um currículo universitário, acabam por definir não apenas o perfil, mas a identidade dos discentes. Este é o caso da reforma curricular do curso de

---

<sup>1</sup> Interessante discussão sobre os bastidores da reforma curricular no campus de Jequié pode ser consultada na tese de Sandra Suely de O. Souza, intitulada Memória, narrativa e acontecimento: por uma hermenêutica do acontecimento da reforma curricular do curso de Pedagogia da UESB em Jequié (UFBA, 2015).

Pedagogia da UESB-Campus de Vitória da Conquista, em que disciplinas foram acrescentadas, outras retiradas e a alfabetização, como campo de conhecimento, passou a ter significativa importância, fazendo-se presente em três semestres letivos.

No antigo currículo da formação de pedagogos (vigência de 1998 a 2011<sup>2</sup>) não havia muitas disciplinas que abordassem as questões da alfabetização. Contava apenas com uma disciplina obrigatória, Metodologia da Alfabetização, e uma optativa, Linguística Aplicada à Alfabetização.

“Metodologia da Alfabetização” foi uma disciplina obrigatória oferecida pelo Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – DFCH. No atual currículo, essa disciplina deixou de existir, dando espaço a outras disciplinas (Alfabetização I, II e III).

A disciplina possuía a seguinte ementa:

| <b>Código:</b> DFCH 347  | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (2.1.0) |
|--|---------------------------|--------------------------|
| Tendências metodológicas do ensino de alfabetização. O processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem em diferentes contextos: socioeconômicos e culturais e seus reflexos em situações de educação formal. Ensino da lecto-escrita. Produção de textos espontâneos. Aquisição da lecto-escrita. Estágio e relação som/letra. Critérios de análise e avaliação de material de ensino. Planejamento e sistematização de proposta de ensino. |                           |                          |

Observa-se uma ementa com assuntos de suma importância para os profissionais da educação, porém muito extensa para ser trabalhada em apenas uma disciplina de 60h. São assuntos que requerem estudos aprofundados e que dialoguem o tempo todo com a escola.

Das três alfabetizadoras entrevistadas e observadas, duas foram formadas no ano de 2010 e uma no ano de 2011. Segundo as professoras alfabetizadoras, “a disciplina ficou muito na teoria, ficando a desejar em relação à prática”. Há aqui, por parte das docentes, o entendimento que teoria é uma coisa e prática, outra. Quando foi perguntado às alfabetizadoras se ao terminar o curso de Pedagogia elas se sentiram preparadas para alfa-

<sup>2</sup> Os discentes matriculados em 2011.2 fazem parte do novo currículo do curso.

betizar, todas responderam que não, justamente pela falta do elo da teoria com a prática. Suas respostas podem ser conferidas abaixo:

Não. Porque achei tudo muito teórico. Na disciplina de Metodologia da Alfabetização, por exemplo, ficamos muito presos à teoria de alguns métodos e no final não colocamos em prática. Analisamos dados e mais dados do IDEB de escolas, lemos sobre muitos métodos, como já tinha dito, e não colocamos nada em prática nas classes de alfabetização (Daniela).

Não. As teorias te ajudam a tomar decisões, porém por mais que você se prepare teoricamente, a realidade em sala de aula sempre te surpreende, já que cada aluno é único e o que funciona para um pode não funcionar para outro (Beatriz).

Não, porque só tivemos uma disciplina que tratasse das questões da alfabetização, que foi a disciplina Metodologia da Alfabetização, e foi muita teoria e pouca prática (Mariana).

Transparece nas falas das entrevistadas que apenas uma disciplina direcionada ao estudo da alfabetização no curso de Pedagogia é insuficiente para formar professores para atuarem nas classes dos anos iniciais de escolarização. Além disso, é importante mais envolvimento com a prática em sala de aula. Toda teoria oferecida nas escolas de formação “só é importante na medida em que é transposta didaticamente no contexto da prática escolar e reconstruída de acordo com as necessidades que vão surgindo no percurso do trabalho do professor” (SILVA & MAGALHÃES, 2011, p. 1367).

O contato com a prática escolar, isto é, com a realidade profissional, proporciona aos alunos uma experiência legítima fora da universidade, permitindo ao estudante (futuro professor) um maior conhecimento a respeito da profissão docente.

Conhecer sua própria prática pedagógica e compreendê-la criticamente são aspectos indispensáveis ao professor que se quer competente. Essas tarefas, entretanto, não são simples e objetivas; ao contrário, são atividades que requerem uma formação específica, que objetive a formação do professor reflexivo (MAGALHÃES, 2005, p. 89).

Assim, a formação docente se aperfeiçoa pela prática em sala de aula, a partir do elo entre o conhecimento teórico adquirido ao longo da graduação e o dia-a-dia da escola, bem como na reflexão diária de seu exercício. As docentes entrevistadas afirmam isso em suas falas quando foram questionadas para responderem quais as disciplinas que elas consideravam relevantes ter no currículo para que se possam formar alfabetizadores competentes:

Disciplinas que tragam ideias proveitosas para a sala de aula, que tragam sugestões de atividades para trabalhar de forma lúdica os conteúdos, não ficando apenas em teoria (Daniela).

Acredito que disciplinas que coloquem a gente na sala de aula, seja em observação ou até mesmo dando aula, para que a gente coloque a nossa teoria em prática (Beatriz).

Disciplinas que trabalhem dentro das classes de alfabetização, para a gente saber como o aluno está sendo alfabetizado e entender o que é defendido pelos autores. Disciplinas que, na verdade, permitam que a gente dialogue a teoria com a prática (Mariana).

Portanto, a realidade vivenciada no cotidiano das escolas contribui diretamente no processo de formação dos educadores, pois só assim o docente tem a oportunidade de entrar em contato com sua área de atuação, refletindo sobre a sua prática, na busca de uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem. Quando as disciplinas dos cursos de formação não oferecem esse envolvimento com a prática, a formação não se completa, pois a práxis torna-se inexistente.

É importante frisar que não estamos aqui defendendo o praticismo, tal como o fazem os adeptos da epistemologia da prática, baseados nos escritos de Schon, Zeichner e Perrenoud, ao afirmarem que a prática deve ser o critério de reformulação da prática por meio da reflexão crítica. Nossa perspectiva é de uma relação dialética entre teoria e prática nos currículo de formação do professor alfabetizador, pois, como afirma Kuenzer (2003, p. 08), a prática



não fala por si mesma; os fatos práticos ou fenômenos, tem que ser identificados, contados, analisados, interpretados, já que a realidade não se deixa revelar através da observação imediata; é preciso ver além da imediatez para compreender as relações, as conexões, as estruturas internas, as formas de organização, as relações entre parte e totalidade, as finalidades, que não se deixam conhecer no primeiro momento, quando se percebem apenas os fatos superficiais, aparentes, que ainda não se constituem em conhecimento.

A realidade só é conhecida à medida que é “criada”, ganhando, assim, significado e, para isso, a medição humana é fundamental, pois a realidade constitui-se numa relação humano/ social. Isto significa que o ato de conhecer

Não prescinde do trabalho intelectual, teórico, que se dá no pensamento que se debruça sobre a realidade a ser conhecida; é neste movimento do pensamento que parte das primeiras e imprecisas percepções para relacionar-se com a dimensão empírica da realidade que se deixa parcialmente perceber, que, por aproximações sucessivas, cada vez mais específicas e ao mesmo tempo mesmo tempo mais amplas, são construídos os significados (KUENZER, 2003, p. 08b).

Assim sendo, não podemos admitir que o currículo de formação dos alfabetizadores trabalhe na perspectiva do conhecimento tácito, com a prática sendo tomada em seu sentido utilitarista. Isto significa que as disciplinas de Alfabetização não irão reproduzir a realidade das escolas ou apenas pensar sobre elas. É imprescindível o desenvolvimento de atividades que visem à transformação do fazer a partir da práxis, pois, lembrando Vásquez (1968, p. 185) “toda a práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”. É, pois, o trabalho educativo que fará essa mediação entre teoria e prática.

Como bem demonstram Santos e Viana (2011), as chamadas pedagogias do “aprender a aprender” tem sido a tônica da formação de professores a partir dos anos 1990, destacando-se as teorias do professor reflexivo e a do professor pesquisador. Baseados na pedagogia histórico-crítica, os autores apontam que ensino e pesquisa são atividades acadêmicas distintas e exigem o emprego de ferramentas teórico-metodológicas

também diferentes, pois o ensino é a incursão no já conhecido, enquanto a pesquisa, no desconhecido.

Com relação aos conhecimentos necessários ao exercício da docência na alfabetização, estes não podem reduzir-se apenas às técnicas. É imprescindível o conhecimento e domínio do conteúdo a ser ensinado, conhecimento das ciências da educação, conhecimentos sócio-políticos-filosóficos, dentre outros. É fundamental também que todo alfabetizador tenha conhecimentos linguísticos e fonéticos/fonológicos. A disciplina “Linguística Aplicada à Alfabetização” se constitui como uma das optativas do curso de Pedagogia, sendo oferecida pelo Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL. Foi oferecida como optativa no antigo currículo do curso e ainda permanece como optativa no atual currículo. A disciplina apresenta a seguinte ementa:

| <b>Código:</b> DELL 420   | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (2.1.0) |
|---|---------------------------|--------------------------|
| Estrutura e funcionamento do sistema de uma língua. A noção de competência linguística e o processo de alfabetização. As relações fonológicas e a aquisição da escrita: a realidade fonológica da língua. O uso da fala e da escrita no processo de alfabetização: aspectos psicolinguísticos, sociolinguístico e textuais no processo de alfabetização. Sistematização da teoria linguística para o processo de alfabetização. |                           |                          |

Verificamos na ementa uma preocupação em compreender as noções básicas da linguística e a sua aplicabilidade no processo de alfabetização. Diante disso, fica clara a importância da disciplina no curso de formação de professores. Cagliari (2005) declara que como educador, o professor precisa ter uma formação em que os conhecimentos linguísticos sejam básicos.

Contudo, o que se observa é que, de acordo com Bortoni e Freitas (2009), os cursos superiores responsáveis pela formação dos alfabetizadores e professores de séries iniciais incluem em seu currículo muito pouca informação linguística. Ainda segundo os autores, é mais frequente que tais conhecimentos sejam dados após o período acadêmico, nos programas de formação continuada. Há uma preocupação em instruir os professores

quanto às teorias linguísticas mais nesses programas do que em seus cursos de formação inicial.

A disciplina “Linguística Aplicada à Alfabetização” deveria se constituir, então, em uma disciplina obrigatória, uma vez que para alfabetizar o professor precisa ter um conhecimento amplo da língua que ensina, da sua estrutura e de seu funcionamento, conhecimentos linguísticos, fonéticos e fonológicos. E, em se tratando de disciplina optativa, os alunos podem cursar essa disciplina ou não. No caso das professoras alfabetizadoras entrevistadas, nenhuma cursou tal disciplina.

Quando o alfabetizador conhece de forma profunda a língua, com todos os elementos que compõem a sua estrutura, os momentos de intervenção no processo de ensino e aprendizagem são realizados com eficiência.

Uma escola que consegue compreender a realidade linguística de seus alunos nos primeiros anos escolares pode desenvolver atividades de ensino e de aprendizagem que não ferem os alunos nem os mestres, mas, pelo contrário, trazem tranquilidade, alegria, prazer e sucesso. (CAGLIARI, 2005, p. 74).

Dessa forma, segundo Silva e Magalhães (2011), as disciplinas relacionadas à linguagem devem ocupar um lugar fundamental nos cursos de formação, pois além da língua materna, todas as disciplinas ministradas no 1º segmento do ensino fundamental necessitam da linguagem para que sejam desenvolvidas.

No atual currículo do curso de Pedagogia ainda não foi formada nenhuma turma, pois entrou em vigor recentemente. O novo fluxograma conta com as seguintes disciplinas com enfoque na alfabetização: Alfabetização I, Alfabetização II e Alfabetização III, que são as obrigatórias; Linguística Aplicada à Alfabetização (já abordada anteriormente) e Introdução aos Estudos de Letramento, que são as optativas.

Na entrevista foi perguntado às alfabetizadoras a sua opinião sobre o novo currículo proposto pelo curso de Pedagogia da UESB. Elas assim se posicionaram:

Acho que a alfabetização ganhou espaço, porque no antigo currículo a alfabetização era contemplada em uma ou duas disciplinas. Agora, já se verifica muitas disciplinas abordando o tema (Daniela).

Gostei muito porque a alfabetização é o alicerce da educação, portanto se deve dar uma atenção especial (Beatriz).

Acredito que a partir desse novo currículo o curso de pedagogia passou a dar mais importância à alfabetização, pensando mais na preparação dos seus profissionais para trabalharem nessas classes (Mariana).

A ideia é que com o novo currículo haja uma melhoria em relação à formação dos futuros docentes, principalmente no que diz respeito aos alfabetizadores, já que a alfabetização é a base da educação formal. Assim sendo, é válido conhecer um pouco sobre cada disciplina, baseando nas ementas, a fim de identificar os conteúdos trabalhados em cada uma delas.

As disciplinas Alfabetização I, Alfabetização II e Alfabetização III são oferecidas pelo DFCH e são disciplinas obrigatórias do atual currículo do curso de Pedagogia da UESB. Seguem abaixo as ementas das disciplinas com uma breve apresentação do conteúdo a ser trabalhado em cada uma no curso de formação:

### Alfabetização I

| <b>Código:</b> DFCH 812  | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (4.0.0) |
|--|---------------------------|--------------------------|
| Alfabetização: concepções e aspectos sócio-históricos, políticos e culturais. A história da alfabetização e sua relação com o processo de escolarização. A construção social da alfabetização. O processo de alfabetização de acordo com o inatismo, o cognitivismo e o interacionismo. Práticas escolares de alfabetização. |                           |                          |

### Alfabetização II

| <b>Código:</b> DFCH 817   | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (2.1.0) |
|---|---------------------------|--------------------------|
| A construção da escrita na fase inicial de escolarização. A cartilha e o processo de alfabetização. Os processos de oralidade, leitura e escrita. Os modelos mecânico, interacionista e sociointeracionista de leitura. A escrita e reescrita no processo de alfabetização. Práticas escolares de alfabetização e a formação de leitores. |                           |                          |

### Alfabetização III

| <b>Código:</b> DFCH 821  | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (2.1.0) |
|--|---------------------------|--------------------------|
| Alfabetização na perspectiva do Letramento. As dimensões do desenho, da consciência fonológica e da psicogênese da língua escrita no processo de aprendizado da leitura e da escrita. Os gêneros do discurso como objeto de ensino no processo de alfabetização. Práticas pedagógicas de alfabetização e formação de leitores. |                           |                          |

A fim de compreender melhor a alfabetização, observamos na ementa da disciplina Alfabetização I uma preocupação em estudar a história da alfabetização, para entender como acontecia o processo de alfabetização em diferentes períodos da história. Ademais, a disciplina procura levantar aspectos importantes das diferentes teorias da aprendizagem (inatismo, cognitivismo e interacionismo).

Na ementa da disciplina Alfabetização II são estudadas as cartilhas. Além disso, ainda são trabalhados temas da oralidade, leitura e escrita dos alfabetizandos. No que diz respeito à ementa da disciplina Alfabetização III, verifica-se uma introdução aos assuntos direcionados ao letramento, abordando questões da consciência fonológica, psicogênese da língua escrita, gêneros do discurso, etc.

Ademais, observam-se nas ementas das três disciplinas estudos direcionados às práticas pedagógicas alfabetizadoras, para analisar como as crianças foram e como estão sendo alfabetizadas. Podemos dizer que todos os conteúdos apresentados nas ementas, a fim de serem estudados pelos futuros profissionais, pretendem ser relevantes para uma maior compreensão do complexo processo de alfabetização. É fundamental, dessa forma, uma continuidade da investigação a fim de verificar a contribuição dessa nova configuração curricular para a formação do professor alfabetizador, próximo passo da nossa pesquisa.

A disciplina “Introdução aos Estudos de Letramento” procura estudar o letramento com suas implicações no ensino e na aprendizagem. Trata-se de uma disciplina optativa do curso de Pedagogia, oferecida pelo Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL. Abaixo segue a ementa da disciplina:

|  |                           |                          |
|--|---------------------------|--------------------------|
| <b>Código:</b> DELL 728  | <b>Carga Horária:</b> 60h | <b>Créditos:</b> (2.1.0) |
| Teorias do letramento. Eventos de Letramento. Campo científico do letramento. Letramento e ensino. |                           |                          |

É sabido que o letramento deve ter atenção especial, principalmente por parte dos alfabetizadores, pois são eles os maiores responsáveis por designar propostas pedagógicas que privilegiam a aprendizagem da leitura e da escrita no contexto das práticas sociais. Contudo, “o professor que acha que, no seu curso de formação, aprenderá tudo o que um dia poderá precisar para inserir seus alunos nas práticas letradas da sociedade é um professor fadado ao desapontamento” (KLEIMAN, 2005, p. 51).

Com base no que foi exposto, montamos o quadro a seguir:

| <b>ANTIGO CURRÍCULO</b>   | <b>NOVO CURRÍCULO</b>   |
|---|---|
| Todos os sujeitos da pesquisa foram formados no antigo currículo.   | Nenhuma turma foi formada ainda.  |
| Disciplinas direcionadas à alfabetização:<br>1. Metodologia da Alfabetização (obrigatória),<br>2. Linguística Aplicada à Alfabetização (optativa).  | Disciplinas direcionadas à alfabetização:<br>1. Alfabetização I (obrigatória),<br>2. Alfabetização II (obrigatória),<br>3. Alfabetização III (obrigatória),<br>4. Linguística Aplicada à Alfabetização (optativa),<br>5. Introdução aos Estudos de Letramento (optativa). |
| As professoras relataram algumas queixas, afirmando que não saíram do curso de Pedagogia preparadas para atuarem em classes de alfabetização e que sentiram falta de um ensino que fizesse a relação da teoria com a prática. | As professoras esperam que com a nova mudança no currículo, a alfabetização ganhe espaço e que possa ser estudada de maneira mais articulada com as práticas em sala de aula.   |

Observamos que a partir do grupo pesquisado, bem como dos currículos analisados, a alfabetização passou a ser trabalhada com maior abrangência no novo currículo, em comparação com o antigo, almejando, desse modo, como já mencionado anteriormente, melhoras na formação dos alfabetizadores, principalmente no que diz respeito à relação teoria e prática. Entretanto, numa análise mais detida, inclusive das referências

presentes no projeto do curso, evidenciamos que a prática é compreendida, em consonância com a política de formação de professores no Brasil, na perspectiva da epistemologia da prática. Há confusão entre ensino e pesquisa, como se apenas a observação de aulas nas escolas fossem suficientes para a pesquisa das práticas alfabetizadoras, o que pode ter como consequência o futuro alfabetizador concluir que teoria e prática são pólos separáveis, sendo a última mais importante, pois é ela que o ensinará a ser professor.

Com relação aos docentes que ministras as disciplinas voltadas à alfabetização, todos têm pesquisas ou alguma publicação na área da alfabetização. Além disso, são docentes com vários anos de experiências na área da educação, contribuindo, dessa forma, para uma melhor formação.

Quando foram perguntadas às professoras entrevistadas sobre o trabalho dos docentes que ministraram as disciplinas com enfoque na alfabetização no curso de Pedagogia, todas responderam que gostaram, ficando a desejar apenas em relação ao contato com o contexto escolar.

Em relação à teoria foi ótimo, mas faltou trabalhar a prática em sala de aula (Daniela).

Muito bom. Mas eu queria ter trabalhado mais na prática os conhecimentos que ele transmitiu para a gente (Beatriz).

Gostei do docente, mas com uma disciplina apenas foi insuficiente para trabalhar um tema tão complexo como a alfabetização, ficando muito na teoria (Mariana).

Formar professores significa criar oportunidades para a construção de conhecimentos relacionados à prática profissional. Isso requer do professor-formador: pesquisa, planejamento, didática, transparência nos conteúdos, valorização dos conhecimentos prévios de cada aprendiz, relação com a realidade escolar, etc.

Agindo desse modo, os professores-formadores estarão contribuindo para a formação de educadores conscientes da complexidade que envolve as práticas educacionais e

capazes de colocar a teoria em permanente movimento através da reflexão sobre o próprio trabalho em sala de aula.

Trazer à tona temas a respeito da formação acadêmica é essencial, uma vez que proporciona pressupostos teóricos fundamentais para análise da prática docente, favorecendo a reflexão do fazer pedagógico.

### **Considerações finais**

No final da década de 1970 e começo dos anos de 1980, teve início no Brasil pesquisas que elucidaram questões acerca da alfabetização, apontando as diferenças entre a aprendizagem baseada na memorização e a aprendizagem baseada na compreensão dos conteúdos trabalhados.

A partir daí a alfabetização passou a ser compreendida como um processo mais amplo e mais complexo, ou seja, na perspectiva do letramento. O letramento permite que o sujeito não apenas saiba ler e escrever, mas também utilize essas habilidades em práticas sociais, isto é, utilize a leitura e a escrita no seu cotidiano, transcendendo, portanto, as práticas escolares.

Segundo Soares (2004), pode ser considerado um indivíduo letrado aquele que não apenas sabe ler e escrever, mas o que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. Esse uso social, contudo, não se fará espontaneamente apenas com o sujeito interagindo com o objeto; é imprescindível a mediação por meio do trabalho intelectual (presente na teoria e que retroalimenta a prática). O conhecer vem com processos pedagógicos intencionais e sistematizados.

Atualmente, principalmente com o advento das TIC, vivenciamos um outro momento da relação do sujeito com a escrita. Isso tem consequências diretas na escola, como aponta Freitas (2008). Para esta autora, o computador e a internet devem ser empregados como instrumentos culturais de aprendizagem. Definitivamente a escrita passou a se constituir como de extrema relevância para os processos comunicacionais, como po-



demos observar com o crescimento e popularização das redes sociais, pois hoje, praticamente tudo o que se faz na sociedade pede o uso da escrita. Não dá para sobreviver em um ambiente urbano sem documentos pessoais, por exemplo. Nem luz ou água se pode ter em casa sem a certidão do imóvel. Nos dias atuais, a escrita se tornou indispensável.

Rojo e Moura (2012) pontuam que as novas tecnologias trouxeram uma demanda para a escola: a necessidade de abordar as múltiplas linguagens. E essas demandas estão incorporadas, inclusive, nos livros didáticos, como aponta o trabalho de Souza e Carvalho (2014) e em blogs escritos por professores, conforme Silva (2014). Isso demanda da universidade a discussão do letramento digital na formação dos alfabetizadores, assim como o uso de outros suportes textuais em sala de aula.

Apontamos a necessidade do currículo de formação dos alfabetizadores precisar incorporar essas outras perspectivas de relação com a escrita por meio da mediação entre teoria e prática configurada no trabalho educativo, entendendo que a partir da práxis a prática passa a ser o ponto de partida e o ponto de chegada do trabalho educativo.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. *Formação de professores: a constituição de um campo de estudos*. Educação, Porto Alegre, v.33, n.3, p. 174-181, 2010.

CAGLIARI, L.C. *Algumas questões de linguística na alfabetização*. Caderno do Professor, Belo Horizonte, MG, v. 1, n.12, 2005.

FREITAS, M.T.A. Computador/internet como instrumentos de aprendizagem: uma reflexão a partir da abordagem psicológica histórico-cultural. Anais do 2º. Simpósio Hiper-texto e tecnologias na educação. UFPE, Recife, 2008. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Maria-Teresa-Freitas.pdf>. Acesso em 20 dez. 2014.

GATTI, Bernadete Angelina (Coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>. Acessado em: 01 de Maio de 2014.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

KUENZER, Acácia. Conhecimento como práxis: os dilemas da relação entre teoria e prática na educação dos trabalhadores. *Boletim Técnico do Senac*, Rio de Janeiro, v.29, n.1, 2003.

\_\_\_\_\_. As relações entre conhecimento tácito e conhecimento científico a partir da base microeletrônica: primeiras aproximações. *Educar em Revista*, n.1, p.13-33, 2003a.

LEITE, Maria I.P.A. Alfabetização: um desafio. In: SANTOS, José J.R.; PEREIRA, Sandra M.C.; ARAGÃO, José W.M. (Org.). *Alfabetizar crianças e pessoas jovens, adultas e idosas: reflexões e análise de propostas*. Salvador: EDUNEB, 2014.

MAGALHÃES, Luciane Manera. *Representações sociais da leitura: práticas discursivas do professor em formação*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

ROJO, R.; MOURA, E. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Williany M. Blogs pedagógicos e práticas digitais: links para a ação docente. *HiperTextus Revista Digital*, v.2, 2014.

SANTOS, Claudio E.F.; VIAN, Marta L. A teoria do professor reflexivo: os equívocos da identidade entre ensino e pesquisa na formação docente. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Londrina, v.3. n.2, p.71-80, 2011.

SAVIANI, Dermeval. Contribuição a uma definição do curso de Pedagogia. São Paulo: Didata, 1976. *Currículo e formação de alfabetizadores no curso de pedagogia da uesb* 269.

SOARES, Magda B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Samara F.T.; CARVALHO, José J. O internetês nos livros didáticos. *HiperTextus Revista Digital*, v.2, 2014.

SILVA, Maria Diomara da; MAGALHÃES, Luciane Manera. A (não) Formação Linguística do Professor Alfabetizador. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF*, Vol. XV, nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 1362-1372.

VÁSQUEZ, Adolfo S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Recebido em 05/10/2015.  
Aprovado em 14/11/2015.